

RICK RIORDAN

# A Espada do Verão

Magnus Chase e os Deuses de Asgard  
Volume 1

Tradução  
António Carlos Carvalho

 Planeta

*Para Cassandra Clare.  
Obrigado por me deixar partilhar o excelente nome Magnus.*



## ÍNDICE

Capítulo 1 Bom dia! Vais morrer. . . . .	13
Capítulo 2 O homem com o sutiã de metal. . . . .	20
Capítulo 3 Não aceites boleias de parentes estranhos . . . . .	25
Capítulo 4 A sério, o tipo não sabe guiar . . . . .	30
Capítulo 5 Sempre quis destruir uma ponte . . . . .	35
Capítulo 6 Abram alas para os patinhos ou eles dão-te uma palmada no alto da cabeça . . . . .	41
Capítulo 7 Ficas muito bem sem nariz, na verdade . . . . .	46
Capítulo 8 Tem cuidado com a fenda e também com o tipo cabeludo que tem o machado . . . . .	51
Capítulo 9 Desejas absolutamente a chave do minibar . . . . .	57
Capítulo 10 O meu quarto não é uma porcaria. . . . .	61
Capítulo 11 Prazer em conhecer-te. Agora vou esmagar-te a traqueia. . . . .	69
Capítulo 12 Pelo menos não tenho de andar atrás das cabras. . . . .	75
Capítulo 13 Phil a batata conhece o seu destino. . . . .	81
Capítulo 14 Quatro milhões de canais e ainda não há nada excepto a visão da Valquíria. . . . .	87
Capítulo 15 O vídeo da minha gafe torna-se viral . . . . .	92
Capítulo 16 <i>Norns</i> . Por que tinham de ser <i>Norns</i> ? . . . . .	96
Capítulo 17 Não pedi para ter músculos . . . . .	100
Capítulo 18 Combato muitíssimo com ovos. . . . .	106
Capítulo 19 Não me chames <i>Cidade Feijão. Nunca</i> . . . . .	113
Capítulo 20 Vem para o Lado Negro. Temos tartes recheadas . . . . .	120
Capítulo 21 Gunilla fica queimada com um maçarico e não é divertido. Está bem, é um bocadinho divertido. . . . .	126

Capítulo 22	Os meus amigos caem de uma árvore . . . . .	135
Capítulo 23	Reciclo-me . . . . .	141
Capítulo 24	Tu tinhas uma única tarefa . . . . .	145
Capítulo 25	O meu agente funerário veste-me de uma maneira engraçada. . . . .	152
Capítulo 26	Eh, eu sei que estás morto, mas talvez me possas ligar . . . . .	158
Capítulo 27	Vamos jogar <i>Frisbee</i> com armas cortantes! . . . . .	163
Capítulo 28	Fala com a cara, porque é basicamente tudo o que ele tem . . . . .	169
Capítulo 29	Uma águia gama-nos um <i>falafel</i> . . . . .	178
Capítulo 30	Uma maçã por dia acaba por te matar. . . . .	186
Capítulo 31	Fica malcheiroso ou vai para casa . . . . .	191
Capítulo 32	Os meus anos passados a jogar <i>Bassmasters 2000</i> compensaram . . . . .	196
Capítulo 33	O irmão de Sam acorda meio rabugento . . . . .	203
Capítulo 34	A minha espada quase acaba no eBay . . . . .	208
Capítulo 35	Não farás cocó na cabeça da arte . . . . .	215
Capítulo 36	Patos! . . . . .	224
Capítulo 37	Sou insultado por um esquilo . . . . .	229
Capítulo 38	Caio num <i>Volkswagen</i> . . . . .	234
Capítulo 39	Freya é bonita! Tem gatos! . . . . .	240
Capítulo 40	O meu amigo evoluiu a partir de... não. Não posso dizer... . . . . .	249
Capítulo 41	Blitz faz um mau acordo . . . . .	256
Capítulo 42	Temos uma festa de pré-decapitação, com rolinhos de ovos . . . . .	261
Capítulo 43	Que comece a fabricação de aves aquáticas em metal decorativo . . . . .	267
Capítulo 44	Júnior ganha um saco de lágrimas . . . . .	275
Capítulo 45	Consigo conhecer <i>Jack</i> . . . . .	281
Capítulo 46	A bordo do bom <i>Navio das Unhas</i> . . . . .	287
Capítulo 47	Psicanaliso uma cabra . . . . .	293
Capítulo 48	Hearthstone desmaia ainda mais do que Jason Grace (embora não faça ideia de quem seja) . . . . .	298
Capítulo 49	Bem, eis o teu problema. Enfiaste uma espada pelo nariz acima . . . . .	304
Capítulo 50	Não quero ser desmancha-prazeres. Thor está atrasado nas suas séries de TV . . . . .	309
Capítulo 51	Temos a conversa-acerca-de-nos-transformarmos- -em-moscardos. . . . .	317
Capítulo 52	Tenho o cavalo aqui. O seu nome é <i>Stanley</i> . . . . .	323

Capítulo 53	Como matar gigantes educadamente . . . . .	329
Capítulo 54	Por que não deves usar uma faca de carne como trampolim . . . . .	333
Capítulo 55	Sou levado para o combate pela primeira divisão aerotransportada de anões . . . . .	340
Capítulo 56	Nunca peçam a um anão que «corra para longe» . . . . .	345
Capítulo 57	Sam carrega no botão ejeção . . . . .	349
Capítulo 58	Que raio? . . . . .	356
Capítulo 59	O terror que é a escola secundária . . . . .	361
Capítulo 60	Um encantador cruzeiro homicida ao pôr do Sol . . . . .	366
Capítulo 61	A urze é a minha nova flor menos preferida . . . . .	370
Capítulo 62	O pequeno lobo mau . . . . .	374
Capítulo 63	Odeio assinar a minha sentença de morte . . . . .	380
Capítulo 64	De quem foi a ideia de tornar este Lobo impossível de matar? . . . . .	384
Capítulo 65	Odeio esta parte . . . . .	389
Capítulo 66	Sacrifícios . . . . .	393
Capítulo 67	Mais uma, para um amigo . . . . .	396
Capítulo 68	Não sejas um não-irmão, irmão . . . . .	399
Capítulo 69	Ah... então era <i>isto</i> que <i>Fenris</i> farejava no capítulo 63 . . . . .	404
Capítulo 70	Somos sujeitos ao PowerPoint do destino . . . . .	407
Capítulo 71	Queimamos um barco cisne, o que tenho a certeza que é ilegal . . . . .	412
Capítulo 72	Perco uma aposta . . . . .	416
Epílogo	. . . . .	419
Glossário	. . . . .	423





## CAPÍTULO 1

### Bom dia! Vais morrer

SIM, EU SEI. Vocês vão ler como eu morri em agonia, e vão dizer coisas como: «Ena! Isso parece fixe, Magnus! Posso morrer também em agonia?»

Não. Não exactamente.

Não vão saltar de quaisquer telhados. Não corram para a auto-estrada nem se incendeiem. Não funciona dessa maneira. Não vão acabar onde eu acabei.

Além disso, não vão querer lidar com a minha situação. A não ser que tenham adquirido um louco desejo de ver guerreiros mortos-vivos cortando-se em pedaços, espadas a voar para narizes de gigantes, e elfos gelados em trajos gelados, não devem *pensar* em encontrar as portas com cabeças de lobo.

O meu nome é Magnus Chase. Tenho dezasseis anos. Esta é a história de como a minha vida entrou em declínio depois de ter sido morto.

O meu dia começou de uma maneira bastante normal. Estava a dormir no passeio debaixo de uma ponte no Jardim Público quando um tipo me acordou com um pontapé e disse: «Eles andam atrás de ti.»

A propósito, eu tinha sido um sem-abrigo nos últimos dois anos.

Alguns de vocês podem pensar, *Oh, que tristeza*. Outros podem pensar, *Ah, ah, falhado!* Mas se me vissem na rua, noventa e nove por cento de vocês passariam por mim como se fosse invisível. Rezariam: *Não deixes que ele me venha pedir dinheiro*. Perguntar-se-iam se sou mais velho do que pareço, porque com certeza um adolescente não se embrulharia num velho



saco-cama fedorento ao relento no meio de um Inverno de Boston. *Alguém devia ajudar esse pobre rapaz!*

E depois continuariam a andar.

Como queiram. Não preciso da vossa compaixão. Estou habituado a que se riam de mim. Estou habituado a ser ignorado. Vamos em frente.

O miserável que me acordou era um tipo chamado Blitz. Como de costume, parecia que tinha andado a correr através de um furacão sujo. O seu crespo cabelo preto estava cheio de pedaços de papel e de galhos. A cara tinha a cor de couro de sela e estava manchada com gelo. A barba encaracolava-se em todas as direcções. A neve endurecia a extremidade da gabardina onde se arrastava à volta dos pés – o Blitz tinha um metro e sessenta e cinco – e os olhos eram tão dilatados que as íris eram todas elas pupilas. A sua expressão de alarme constante fazia-o parecer como se pudesse começar a gritar a qualquer momento.

Afastei a viscosidade dos olhos com um pestanejar. A boca sabia-me a um hambúrguer do dia anterior. O meu saco-cama estava quente e na verdade não queria sair de dentro dele.

– Quem anda atrás de mim?

– Não sei bem. – Blitz esfregou o nariz, que fora partido tantas vezes que ziguezagueava como um raio. – Eles andam a distribuir panfletos com o teu nome e o teu retrato.

Praguejei. Conseguia lidar com polícias e guardas do parque aleatórios. Funcionários gazeteiros, voluntários do serviço comunitário, miúdos universitários bêbedos, drogados com ar de enrolarem alguém pequeno e fraco: todos esses seriam fáceis de dar conta deles como de panquecas e sumo de laranja.

Mas quando alguém conhecia o meu nome e a minha cara, isso era mau. Isso significava que estavam a tomar-me como alvo. Talvez o pessoal do abrigo estivesse furioso comigo por ter partido a aparelhagem. (Esses cânticos de Natal tinham dado comigo em doido.) Talvez uma câmara de segurança tivesse apanhado o último furto de carteira que fiz no Theater District. (Eh, eu precisava de dinheiro para comprar piza.) Ou talvez, embora parecesse improvável, a polícia andasse ainda à minha procura, querendo fazer-me perguntas acerca do assassinio da minha mãe.

Ensaquei as minhas coisas, o que demorou cerca de três segundos. O saco-cama enrolado bem apertadinho encaixou na minha mochila com a escova de dentes e uma muda de meias e cuecas. Tirando as roupas na mochila, era tudo o que possuía. Com a mochila ao ombro e o capuz do

blusão puxado para baixo, podia misturar-me bastante bem com o trânsito de peões. Boston estava cheia de miúdos universitários. Alguns eram ainda mais desgrenhados e tinham um ar mais juvenil do que eu.

Virei-me para Blitz.

– Onde viste essas pessoas com os panfletos?

– Na Beacon Street. Vinham nesta direcção. Um tipo branco de meia-idade e uma adolescente, com certeza filha dele.

Franzi o sobrolho.

– Isso não faz nenhum sentido. Quem...?

– Não sei, miúdo, mas tenho de ir andando. – Blitz olhou de esguelha para o Sol nascente, que estava a alaranjar as janelas dos arranha-céus. Por razões que nunca percebi bem, Blitz odiava a luz do dia. Talvez fosse o vampiro sem-abrigo mais baixo e resistente do mundo. – Devias ir ter com o Hearth. Passa o tempo na Copley Square.

Tentei não me sentir irritado. Os tipos das ruas gozavam chamando ao Hearth e ao Blitz a minha mãe e o meu pai porque um ou outro pareciam sempre pairar à minha volta.

– Agradeço. Eu fico bem.

Blitz roeu a unha do polegar.

– Não sei, miúdo. Não hoje. Tens de ser muitíssimo cuidadoso.

– Porquê?

Deu uma olhadela por cima do meu ombro.

– Eles vêm aí.

Não vi ninguém. Quando me virei, Blitz tinha-se ido embora.

Detestava quando ele fazia isso. Apenas *puf*. O tipo era como um ninja. Um ninja vampiro sem-abrigo.

Agora tinha de escolher: ir até à Copley Square e ficar por ali com o Hearth ou dirigir-me para a Beacon Street e tentar descobrir as pessoas que andavam à minha procura.

A descrição feita pelo Blitz deixou-me curioso. Um tipo branco de meia-idade e uma adolescente à minha procura ao nascer do Sol de uma manhã muito fria. Porquê? Quem eram?

Arrastei-me ao longo da beira do lago. Quase ninguém andava pelo caminho mais baixo que passava debaixo da ponte. Eu conseguia abraçar com o olhar toda a encosta da colina e localizar quem quer que se aproximasse pelo caminho mais alto, sem que me vissem.

A neve cobria o chão. O céu estava tão azul que até fazia doer os olhos. Os ramos despidos das árvores pareciam ter sido mergulhados em vidro.

O vento cortava através das minhas camadas de roupa, mas o frio não me incomodava. A minha mãe costumava dizer a brincar que eu era meio urso-polar.

*Raios, Magnus, censurei-me.*

Dois anos depois, as minhas recordações dela ainda eram um campo minado. Tropeçava numa delas e a minha serenidade desfazia-se em pedaços.

Tentei concentrar-me.

O homem e a rapariga vinham nesta direcção. O cabelo grisalho do homem sobrepunha-se ao colarinho – não como um estilo intencional, mas como se não se desse ao trabalho de o cortar. A sua expressão perplexa lembrou-me a de um professor substituto: *Sei que fui atingido por uma bucha de papel mas não faço ideia de onde veio.* Os sapatos dele eram inadequados para um Inverno de Boston. As meias tinham diferentes tonalidades de castanho. O nó da gravata parecia ter sido feito enquanto andava às voltas no meio da escuridão total.

A rapariga era filha dele. O cabelo era também espesso e ondulado, embora de um louro mais claro. Estava vestida com botas de neve, calças de ganga e uma *parka*, com uma *T-shirt* laranja a espreitar na linha do pescoço. A sua expressão era mais determinada, zangada. Segurava um maço de panfletos como se fossem ensaios com que tivesse sido avaliada injustamente.

Se andava à minha procura, eu não queria ser encontrado. Era assustadora.

Não a reconheci nem ao pai, mas algo puxou na parte de trás da minha cabeça... como se fosse um íman a tentar arrancar cá para fora uma recordação muito antiga.

Pai e filha pararam onde o caminho se bifurcava. Olharam em volta como se só agora percebessem que se encontravam no meio de um parque deserto a uma hora indesejável em pleno Inverno.

– Isto é inacreditável – disse a rapariga. – Só me apetece estrangulá-lo.

Partindo do princípio de que estava a falar de mim, abaixei-me ainda um pouco mais.

O pai suspirou.

– Decerto devíamos evitar matá-lo. Ele é teu tio.

– Mas *dois anos*? – perguntou a rapariga. – Pai, como pôde não nos contar durante *dois anos*?

– Não consigo explicar as acções do Randolph. Nunca consegui, Anna-beth.

Respirei fundo bruscamente. Receei que pudessem ouvir-me. Uma crosta foi arrancada do meu cérebro, expondo recordações primárias do tempo em que eu tinha seis anos.

*Annabeth.* O que significava que o homem de cabelo grisalho era ... o tio Frederick?

A minha memória recuou até ao último Dia de Acção de Graças em família que partilhámos. Annabeth e eu escondidos na biblioteca da casa do tio Randolph na cidade, brincando com pedras de dominó enquanto os adultos gritavam uns aos outros no andar de baixo.

*Tens sorte por viveres com a tua mamã.* Annabeth empillhou mais outra peça no seu edifício em miniatura. Estava espantosamente bem-feito, com colunas à frente, como um templo. *Vou fugir.*

Não tive qualquer dúvida de que estava a falar a sério. Eu sentia-me assombrado com a sua confiança.

Então o tio Frederick apareceu à porta da biblioteca. Tinha os punhos cerrados. A sua expressão implacável estava em contradição com as renas sorridentes da camisola que trazia vestida. *Annabeth, nós vamos embora.*

Annabeth olhou para mim. Os olhos cinzentos eram um pouco ferozes de mais para uma menina do primeiro ano da escola. *Fica em segurança, Magnus.*

Com um piparote do dedo, deitou abaixo o templo de pedras de dominó.

Essa foi a última vez que a vi.

Mais tarde, a minha mãe foi inflexível: *Nós mantemo-nos longe dos teus tios. Sobretudo do Randolph. Não lhe darei o que ele quer. Nunca.*

Não me explicou o que Randolph queria, ou o que ela, Frederick e Randolph tinham discutido a esse respeito.

*Tens de acreditar em mim, Magnus. Estar perto deles... é demasiado perigoso.*

Confiei na minha mãe. Mesmo depois da morte dela, não tive qualquer contacto com os meus parentes.

Agora, de repente, andavam à minha procura.

Randolph vivia na cidade, mas, tanto quanto eu sabia, Frederick e Annabeth ainda viviam na Virgínia. E no entanto aqui estavam eles, distribuindo panfletos com o meu nome e a minha fotografia. Onde tinham ido arranjar uma fotografia minha?

Sentia a minha cabeça a mil por hora, perdi parte da conversa deles.

– ... para encontrar Magnus – disse o tio Frederick. Deu uma olhadela ao *smartphone*. – O Randolph está no abrigo da cidade no South End. Diz que não teve sorte. Devíamos tentar no abrigo da juventude do outro lado do parque.

– Como sabemos se o Magnus está vivo? – perguntou Annabeth com ar triste. – Desaparecido durante *dois anos*? Pode estar gelado numa vala algures!

Parte de mim estava tentada a saltar do meu esconderijo e gritar: TA-DÁ!

Mesmo que se tivessem passado dez anos desde que vira Annabeth pela última vez, não gostava de a ver angustiada. Mas após tanto tempo nas ruas, eu aprendera da maneira mais dura: nunca entres numa situação até entenderes o que se passa.

– O Randolph tem a certeza de que o Magnus está vivo – disse o tio Frederick. – Encontra-se algures em Boston. Se a sua vida está de facto em perigo...

Partiram na direcção da Charles Street, as suas vozes sendo levadas pelo vento.

Agora eu estava a tremer, mas não era do frio. Queria correr atrás do Frederick, abordá-lo e exigir ouvir o que se passava. Como o Randolph sabia que eu ainda me encontrava na cidade? Por que andavam à minha procura? Como a minha vida estava em perigo agora mais do que em qualquer outro dia?

Mas não os segui.

Lembrei-me da última coisa que a mãe me disse. Eu estava relutante em usar a escada de incêndio, em deixá-la ali, mas ela agarrou-me pelos braços e obrigou-me a olhá-la. *Magnus, fuge. Esconde-te. Não confies em ninguém. Eu vou-te encontrar. Seja o que for que faças, não vás ter com o Randolph para pedir ajuda.*

Depois, antes que eu saísse pela janela, a porta do nosso apartamento rebentou em estilhaços. Dois pares de olhos azuis incandescentes emergiram da escuridão...

Sacudi de mim essa recordação e observei o tio Frederick e Annabeth a afastarem-se, virando para leste em direcção ao Common.

O tio Randolph... Por alguma razão contactara Frederick e Annabeth. Tinha-os enviado para Boston. Durante todo este tempo, Frederick e Annabeth não sabiam que a mãe estava morta e eu desaparecera. Parecia impossível, mas se fosse verdade por que Randolph lhes contou isso agora?

Sem o confrontar, só conseguia lembrar-me de uma maneira de obter respostas. A casa dele na cidade ficava em Back Bay, um passeio fácil de fazer a partir daqui. Segundo o que Frederick dissera, Randolph não estava em casa. Encontrava-se algures no South End, à minha procura.

Dado que não havia melhor começo de dia do que arrombar uma porta e entrar, decidi fazer uma visita à casa dele.